TL6042

CNRT - FALINTIL

Mensagem do fim-de-ano

Companheiros da Luta! Compatriotas de Timor-Leste!

Vamos iniciar um Novo Ano na luta pela libertação da nossa Pátria, Timor-Leste. Há 23 anos que o nosso Povo empenhou a sua energia, a sua indómita coragem e determinação e a sua própria vida pelo ideal sagrado da independência nacional.

Foi este prolongadíssimo sofrimento e o profundo patriotismo no nosso Povo que mantiveram a chama da resistência contra a vergonhosa invasão indonésia e a criminosa ocupação militar de Timor-Leste.

Desde o início da guerra de invasão, nós sabíamos que enfrentávamos um inimigo poderoso, o regime ditador-colonialista de Suharto. Contudo, esse conhecimento da desigualdade entre nós e o invasor indonésio nunca nos fez vergar um só momento que fosse, para continuarmos a lutar pelo nosso direito inalienável à auto-determinação e independência nacional.

Muitos generais indonésios passaram à reforma, muitos outros foram sendo promovidos à custa do sangue do nosso Povo, à custa dos crimes cometidos em Timor-Leste.

Passámos anos durríssimos, enfrentámos períodos muito difíceis. A dor e as lágrimas, a morte e os sofrimentos serviram apenas para cimentar a nossa determinação na luta e a nossa fé na vitória.

1998 foi marcado por uma transformação radical na vida sócio-política na Indonésia, com repercussão no nosso próprio processo. Toda a Indonésia foi agitada por um movimento social extraordinário, abalando os alicerces do repressivo e corrupto regime da Orde Baru!

Em Timor-Leste, repetiu-se a sensação de que chegara o momento das grandes esperanças. A euforia das atitudes levava alguns de volta a 24 anos atrás, esquecendo-se das condições conjunturais de 1998. As nossas preocupações receberam a sua real dimensão, não só pelas lembranças que se acumularam nas nossas mentes como pela visão do futuro que nos espera. Um misto de receios e optimismos apoderou-se de nós e adverte-nos de todas as possibilidades que poderão tornar o nosso processo menos desejável para todos.

E quanto mais nos detemos a analisar profundamente o tecido social timorense, mais somos levados a considerar que devemos evitar infantilismos políticos desastrosos.

Durante 24 anos, todos reivindicávamos o direito de Timor-Leste na auto-determinação e independência nacional. Muitas estratégias se traçaram, muitas ideias se desenvolveram, desde o regresso puro e simples de Portugal, ao Plano de Paz do CNRM e a uma dita 3ª via, nunca concebida na realidade.

A aceitação do Plano de Paz do CNRM (acusada pela 3ª via de "autonomia integrada") não foi precedida de um estudo profundo dos pontos que constituíam o plano de paz. Hoje aparecem dúvidas sobre a aceitação da proposta da autonomia. Hoje, faz-se mais caso com os prazos do que se analisa e se entende o nosso processo.

Fomos bruscamente sacudidos pela convulsão dos acontecimentos na Indo-

nésia e imediatamente nos colocamos fora da Indonésia, isolando-nos dos condicionalismos políticos do regime que continua sem mudar os princípios básicos da Orde Baru.

Não se tenta compreender, não se tenta descobrir, não se tenta analisar todos os aspectos que se relacionam com os esforços e a intenção de solucionar o problema. Muitos só pensam no referendum, alguns até exigem imediata independência, Como se nenhuns outros quisessemos a independência, como se os demais não advogássemos o referendum como a via mais justa de solução.

Como se todos andávamos a lutar contra o Suharto (que nos teria podido beneficiar com a corrupção) para nos vergarmos ao Habibie que faz face a uma grave crise económica que lançou mais de 90 milhões de indonésios na miséria e provocou o despedimento de mais de duas dezenas de milhões de trabalhadores.

Depois de 23 anos de guerra de libertação nacional, é de lamentar que as pessoas ainda não se prestem ao trabalho de pensar, de analisar para conhecer profundamente o nosso processo.

Há quem não concorde que se diga que 'é necessário educar-se politicamente o nosso Povo', afirmando que o nosso Povo está politicamente preparado e a prova é que resistiu durante 23 anos. Essas pessoas confundem alhos com bugalhos, confundem o patriotismo com consciência política.

Há quem se preocupa já com o poder, se preocupa já com o seu partido e deseja assegurar já as condições políticas para o seu partido. Porque só vêem o partido, não estão capazes de ver os interesses da Pátria, os interesses do nosso Povo! Às vezes, pronuncia-se a palavra 'interesses' como sinónimo de 'anseio pela independência'. Não se consegue perceber mais para além disto, não se consegue descobrir a dimensão do termo "interesses da Nação".

Outras aparecem agora como protagonistas de 'ideias realistas' para encobrir a vergonha de não terem feito nada depois de receberem muito dinheiro do Suharto para dificultar o processo de libertação da Pátria. Estas pessoas tiram hoje conclusões (extra)ordinárias de que nós afinal estamos apenas a dar-lhes razão, quando nunca provaram possuir razão nenhuma, ao reconhecerem a invasão e ao fazerem uma viragem de 360º das suas revolucionaríssimas ideologias de 1974!

Hoje, o oportunismo encapa-se num protagonismo político paupérrimo. A Mbak Tutut deve estar a ter vergonha de ter tido amigos tão ávidos de dinheiro, dispostos a fazer grandes discursos de vassalagem ao regime do Suharto e do Habibie.

Enfim, o momento está a ser utilizado para trazermos à tona a contínua imaturidade política de muitos, os chamados políticos timorenses, quando todos deveríamos pensar mais profundamente nas nossas responsabilidades para pôr termo aos sofrimentos do nosso Povo.

Pôr termo aos sofrimentos do nosso Povo é não prolongar esses sofrimentos. Muitas vezes, não estudamos o sentido das palavras, não conhecemos a semântica das expressões. Decoramos as frases, os slogans e as palavras de ordem e enunciamo-los sem nos compenetrarmos da profundidade que eles encerram.

Queridos Companheiros da Luta!

Contudo, deve-se dizer que, o que acontece na nossa Pátria tem a sua explicação. O nosso Povo está a perder a paciência, o nosso Povo perdeu a confiança

O nosso Povo perdeu a confiança na ONU, o nosso Povo chegou à conclusão de que as resoluções da ONU já não têm valor, o nosso Povo tem a impressão de que a ONU só está a fazer a vontade de Jakarta. O nosso Povo sente-se obrigado a pensar que, para se libertar, o melhor caminho é elevarmos o nível da confrontação em Timor-Leste.

O nosso Povo está farto das mentiras de Jakarta, o nosso Povo sente que o melhor caminho é tirar vantagem dos problemas sócio-políticos e económicos que a Indonésia atravessa.

O nosso Povo sabe que o regime do Suharto/Habibie não quer reconhecer que cometeu um crime ao invadir e anexar Timor-Leste e não demonstra vontade política na busca da solução. O nosso Povo já não suporta mais a contínua má fé de Jakarta, porque sabe que toda a disposição a um diálogo franco, sério e construtivo foi sempre rejeitado pelo regime colonialista.

A atitude do nosso Povo é apenas uma reacção legítima ao contínuo desrespeito da Indonésia ao direito internacional, aos princípios universais e às resoluções da ONU. A atitude do nosso Povo demonstra apenas que a queda do Suharto não significou nada para Timor-Leste e que, afinal das contas, 'as moscas (nem) mudaram e a merda (da Orde Baru) continua'.

A atitude do nosso Povo também é em si mesma, um acto de desapontamento para com a comunidade internacional. Os países campeões da democracia e dos direitos humanos, estão apáticos em relação ao processo democrático na Indonésia e ao problema de Timor-Leste.

Muitos países ajudaram o repressivo regime do Suharto, alimentando a corrupção que levou a Indonésia à bancarrota. Hoje, esses países quase não mexem um dedo em favor do movimento pela democracia e estão, pelo contrário, a olhar as perspectivas de novos investimentos numa Indonésia economicamente escancarada.

Estes países que ajudaram a afundar o povo indonésio na miséria, estão a salvar as boas relações com o governo de Habibie, na corrida aos lucros que a Indonésia promete, como país em bancarrota. Os valores da democracia e justiça e direitos humanos permanecem um assunto interno indonésio, agora em luta com um regime que advoga a evolução na continuidade.

E esta política interesseira da comunidade internacional tem também impacto no problema de Timor-Leste. A comunidade internacional não se sente responsável do destino de 200 milhões de indonésios, nem debaixo do Suharto nem do Habibie. E nem podemos falar de 700.000 timorenses, pois é um número pequeno demais para ter valor em considerações sobre direito e justiça.

O Povo indonésio está totalmente obcecado em julgar Suharto e a sua clique de generais e ministros e esqueceu-se de que a comunidade internacional tem a sua quota de responsabilidade na manutenção de um regime repressivo e dos mais corruptos do mundo. Enquanto a comunidade internacional continuar a olhar para a Indonésia e para o seu povo como zona de grandes lucros e com -

pradores do seu mercado, a situação na Indonésia pode levar a maiores convulsões políticas e sociais. Mas se esta é a nossa preocupação, não o é para a comunidade internacional.

O mesmo sucede com o problema de Timor-Leste!

Nós conhecemos o quanto Portugal tem feito até hoje, em defesa do nosso direito à auto-determinação e independência nacional. Também conhecemos os esforços da ONU e o cometimento do seu Secretário-Geral e o empenhamento do embaixador Jamsheed Marker e da sua equipa.

Mas também estamos conscientes da capacidade de Portugal e da ONU na solução. A limitação da capacidade da ONU deve-se ao total desrespeito que Jakarta vem demonstrando àquela Organização Mundial. E deve-se à indiferença da comunidade internacional em fazer maior pressão à Indonésia.

Nós apreciámos e agradecemos profundamente a atitude política do Congresso e do Governo Americanos, quando recentemente emitiram a lei reconhecendo ao Povo de Timor-Leste o direito à auto-determinação. Também apreciámos e agradecemos à União Europeia ter aprovado também uma resolução advogando o referendum. Mas a realidade está a provar que isto não chega, que deve haver maior pressão sobre Jakarta, não só em relação a um processo mais transparente e promissor de reformas políticas como em relação à busca de uma solução justa e duradoura para Timor-Leste.

Companheiros de Luta!

Solução justa e duradoura! Nenhuma solução é inteiramente justa se não é duradoura, nem solução alguma pode ser duradoura se não é justa. Justa e duradoura são os 2 binómios do processo de solução que todos queremos buscar para Timor-Leste!

Já muitas, talvez centenas, talvez milhares de vezes, gritamos por uma solução justa e duradoura! De tanto utilizarmos, o termo ficou despido do sentido que merecia.

À luz do direito internacional, solução justa só se alcança com a realização do referendo! Sem referendo, não haverá solução justa! Mas isto não chega! Para que a solução seja duradoura, devemos preocupar-nos, devemos prestar a devida atenção a muitos aspectos sociais e políticos no seio da sociedade timorense. Problemas actuais com reflexo para o futuro. Problemas que se não forem bem analisados e ponderados, podem criar a instabilidade política, o descontentamento dos espíritos e um clima de conflitos sociais.

Nós sabemos que o nosso Povo começa a ficar impaciente e começam a surgir grupos radicais que escolherão a confrontação para sacudir a situação de impasse, provocada pela arrogância colonialista do regime Suharto/Habibie.

Nós já declarámos que não vamos tomar vantagem da convulsão política e social decorrente (e a decorrer) na Indonésia. Quando fazemos isto, queremos expressar o nosso respeito e a nossa solidariedade à luta do povo indonésio pela democracia e pela justiça, espezinhadas pelo regime da Orde Baru durante 32 anos!

Muita gente prevê maior instabilidade e violência na Indonésia durante 1999. Como Comandante das Falintil, eu reconheço que não temos capacidade militar para escorraçar a soldadesca ocupante da nossa Pátria. Mas eu sei que somos capazes de criar uma maior e intensa instabilidade em todo o território, criando uma situação mais difícil ainda para Jakarta. E a nossa palavra de ordem seria 'Pátria ou Morte!'. E não haveria mais compromissos...

Talvez eu seja cobarde a não optar por esta via. Ou talvez eu esteja apenas à espera que a minha própria paciência acabe, face à intransigência dos generais indonésios, face à obstinação dos políticos e diplomatas indonésios.

Devo dizer que o CNRT considerou, em primeiro lugar, a sua responsabilidade em não provocar mais vítimas na população timorense, no nosso Povo. Em segundo lugar, que o CNRT acredita que o diálogo é o melhor caminho para se encontrar, por mecanismos internacionais, a solução (justa e duradoura!). Em terceiro lugar, que o CNRT não deseja uma independência que venha a ser causa de conflito entre os próprios timorenses e entre Timor-Leste e a Indonésia.

Há quem sugira que devemos estar preparados para proclamar a independência, desde que a situação na Indonésia se torne incontrolável. Eu não aceito a ideia, não porque não queira a independência. Eu não aceito a ideia, porque tenho a minha noção sobre independência. Eu não desejaria uma independência aos sobressaltos, uma independência que nos irá conduzir à violência entre irmãos. Todos compreendemos que a independência é um meio e não um fim em si! A independência deve garantir a todos os filhos de Timor-Leste, sem excepção, paz e tranquilidade, harmonia e segurança, para que todos se impulsionem com o ardor da reconstrução e desenvolvimento nacional. A independência deve garantir as melhores relações de cooperação e amizade com a grande vizinha que é a Indonésia.

A independência não será um acto de fecharmos as portas ao mundo. A independência é apenas a capacidade que possuímos para gerir o nosso próprio destino. Gerir, para alguns políticos é governar, é ter o poder nas mãos. Gerir é o acto que todo o Povo realiza na participação integral dos destinos da Nação.

A nossa luta pela libertação Nacional deu-nos tempo mais do que suficiente para estudarmos a história dos Movimentos de Libertação em todo o Mundo.

Muitos países independentes ainda não provaram que compreenderam o verdadeiro sentido do "direito de gerir o próprio destino", estando os governantes destes países a braços com problemas sócio-políticos graves e problemas económicos de muita lástima. A independência, nesses países, não trouxe a paz nem a concórdia entre os seus cidadãos, a independência, nestes países, não serviu para melhorar as condições da vida da população.

A própria Indonésia reflecte esta política do 3º mundo. Atrás dos belos edifícios da grande Jakarta metropolitana, está escondida a pobreza e a miséria. 50 anos depois da independência, os conflitos sociais são quase insolúveis e com uma dívida externa de 4 milhões de rupias para cada cidadão indonésio e com mais de 90 milhões de indonésios vivendo em condições de miséria.

Mas sobretudo, devemos evitar o ardor da independência que surge sempre

totalmente a paciência não nos preocuparemos com a face da Indonésia! A face da Indonésia está manchada do sangue do Povo indonésio e do sangue de mais de 200.000 timorenses!

E se antes o regime de Suharto dizia que os ponteiros da história não voltam atrás, nós afirmamos com confiança de que os ponteiros da história estão demasiado avançados em relação à perceepção histórica dos governantes indonésios, que tentam manter o vergonhoso 'status quo'!

Companheiros da Luta!

É minha opinião pessoal de que Jakarta não está preparada para avançar construtivamente no processo de negociações em todo o ano de 1999. O governo colonialista de Habibie não deseja buscar uma solução para Timor-Leste, à luz do direito internacional e até agora sempre mostrou a arrogância própria dos colonialistas de que o que fizeram foi legal e portanto, cabe a Portugal reconhecer a soberania indonésia sobre Timor-Leste.

Eu tenho esta certeza: 1999 será mais um ano de impasse. E nós os timorenses teremos que esperar pelo novo governo realmente democrático.

Eu não apelaria a um aumento de tensões na nossa Pátria, nem apelaria a uma maior confrontação com as forças ocupacionistas. Talvez um dia tenhamos que decidir sobre isso, se mesmo depois das eleições, não tiver nada mudado na Indonésia e o prolongamento do regime da Orde Baru continuar a manter o status quo!

Mas não agora! Agora vamo-nos concentrar a dirigir os nossos esforços para conseguirmos

a- o fim das hostilidades militares

b- um clima de maior tolerância política

E isto tem em vista evitar mais vítimas entre os timorenses. Os ocupantes armam timorenses e mandam a eles matar os seus irmãos. Ao invés de rangermos de raiva, esforcemo-nos por pensar com certa ponderação política. Estamos a fazer o jogo do colonialista, estamos a dar argumento ao colonialista de que os timorenses estão ameaçados de uma nova guerra civil.

Não conseguimos ainda encontrar a forma de neutralizar politicamente esta velha tática do inimigo, de dividir para reinar. Se fosse só o problema de dividir, o problema é de que divide e dá armas para matar os próprios irmãos.

Eu quero alertar a todos que, os que estão a incitar a confrontação física entre irmãos, estão a ajudar o inimigo a permanecer mais tempo em Timor Leste. Consciente ou inconscientemente, os que provocam situações de conflitos entre timorenses, não desejam uma solução rápida do problema de Timor-Leste.

Vamos todos chamar para nós próprios a responsabilidade de criar um clima de tolerância política. Só um clima assim, poderá permitir-nos encontrar as oportunidades para começarmos a delinear ideias e planos e materializá-los.

Vamos todos tentar ser mais maduros politicamente, vamos todos evitar ser politiqueiros de 74. Vamos tentar aprender dos nossos próprios erros, em

tes de olharmos para erros de outros países. Vamos tentar ser nós mesmos, desenvolvidos na nossa política, desenvolvidos no conhecimento do nosso processo, desenvolvidos na análise objectiva da realidade.

Não nos tornemos fanfarrões, só porque trazemos algumas lembranças de uma vida no mato, nem nos tornemos heróis só porque podemos apresentar um certificado de 'longa experiência'. Não sejamos exigentes porque o 'mundo' não reconhece os nossos trabalhos ou os nossos sacrifícios, nem sejamos orgulhosos porque já podemos liderar ou representar grupos ou partidos.

Sejamos humildes na nossa luta, porque a luta não é de nenhum isoladamente. A luta sempre foi do nosso Povo! Não desviemos o sentido da nossa luta para ambições pessoais. Coloquemos sempre, em cima de tudo, os interesses do nosso Povo. E para defender os supremos interesses do nosso Povo, enquanto Comandante das Falintil, não hesitarei, doa a quem doer, tomar as decisões que sirvam o nosso heróico Povo!

O ano de 1999 deve ser o ano de uma nova dinâmica política. O ano de 1999 deve ser o ano de renovação de atitudes e de maior cometimento para produzir algo mais positivo para a nossa Pátria.

Em vez de estarmos à espera pelo referendum ou pela autonomia, eduquemo-nos a pensar que é a nós, os timorenses, que cabe a pesada responsabilidade de resolvermos os nossos problemas e é a nós, os timorenses, que compete produzir planos e desenvolver ideias para encontrarmos os mecanismos que mais favoreçam a materialização de algumas iniciativas.

O ano de 1999 deve ser o ano da combinação de esforços para nos prepararmos para os desafios do futuro!

Pátria ou Morte!
A luta continua em todas as frentes!
Resistir é vencer!

O Presidente do CNRT,

Kay Rala Xanana Gusmão
Cmdt. das Falintil

Cipinang, 31 de Dezembro de 1998.-

JKT, 9-1-99

Prezada Dr Luisa,
Aí vai a msg do cmdt. Espero que possa ajudar à circulação a todos. Não sei se já recebeu a encomendada enviada através do médico Carlos Laranjinha.
Pelo que ouvimos a dois diplomatas portugueses, estarão aqui no dia 30-1-99. Se tiver possibilidade envie-nos algo sobre modelos de autonomia. É tudo.
Sinceros cumprimentos
António Gonçalves